

Relendo Bilac com Junqueiro: a vida após o Éden!

Milton Francisco da Silva¹

Universidade Federal do Acre

Resumo: Olavo Bilac, juntamente com os demais poetas parnasianos, em geral é classificado como secundário pela crítica, sobretudo devido à relevância da forma em sua poesia. Nossa hipótese é a de que a Teopoética – ramo recente da literatura voltado ao discurso literário sobre Deus – pode contribuir para outra significação desse poeta brasileiro. Utilizamos da Crítica Temática e da Literatura Comparada na releitura do seu poema “Alvorada do Amor” – em que a voz lírica sugere que se pode falar da Vida somente após a saída de Adão e Eva do Éden –, comparando-o com o poema “A Árvore do Mal”, do poeta português Guerra Junqueiro, e com o capítulo “A queda”, do Gênesis.

Palavras-chave: Olavo Bilac. Guerra Junqueiro. Poesia brasileira. Poesia portuguesa. Teopoética.

*Ah! Bendito o momento em que me revelaste
O amor com o teu pecado, e a vida com o teu crime!
(Adão e Bilac)*

A despeito de o Parnasianismo ser tão lembrado por estudiosos da Literatura Brasileira – talvez por ser classificado como escola literária –, os poetas parnasianos ainda carecem de estudo. De fato, o Parnasianismo “não foi a corrente suprema que muitos imaginaram” nos fins do século XIX e começos do XX, como bem atenta Ramos (1989, p. 168), “mas também não foi a página em branco que outros supõem, verdade que movidos por simples preconceito ou mera ignorância”². Em verdade, a leitura que ainda se faz dos poemas parnasianos, em geral, enfatiza sobremaneira seu aspecto formal, a ponto de negligenciar sua poeticidade, seu conteúdo, seu contexto, os valores que veiculam, suas relações com outros discursos – literários ou não. Outra leitura parece-nos possível. Pretendemos realizar à luz da Teopoética, da Crítica Temática e da Literatura Comparada, uma leitura não “corriqueira” de Olavo Bilac (1865–1918) e, por conseguinte, contribuir – minimamente, é verdade – para a atribuição de um novo *status* a elementos de sua obra, ao menos.

¹ Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutorando na Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Capes/Prodoutoral.

² “Tem-se em geral como representantes máximos do Parnasianismo no Brasil os poetas Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho. A precedência de um ou de outro depende do crítico: Mário de Andrade e Manuel Bandeira preferiam, por exemplo, Vicente de Carvalho. Como influência, nenhum excedeu Bilac” (RAMOS, 1989, p. 163).

A partir do tema *a condição humana após Adão e Eva comerem do fruto proibido por Deus*, realizaremos um diálogo interdiscursivo entre o texto bíblico, o capítulo 3 do *Gênesis*, intitulado “A queda”; o poema “A Alvorada do Amor”, de Bilac, do livro *Poesias*, de 1888; e o poema “A Árvore do Mal”, de Guerra Junqueiro (1850–1923), do livro *A Velhice do Padre Eterno*, de 1885. Os três textos são reproduzidos em anexo.

Há especial interesse aqui pela obra do escritor português, marcante da arte literária no Portugal do século XIX. Junqueiro foi um dos escritores que assumiram como eixo temático o anticlericalismo e, por vezes, a dessacralização da figura de Jesus Cristo, o que iria ressoar na produção literária do lado de cá do Atlântico, juntamente com ecos similares aqui também acolhidos do conhecido grupo *Geração de 70*, de que Junqueiro se aproximou ou, para muitos pesquisadores, fez parte. Tanto Junqueiro quanto a *Geração de 70* produziram textos de tema semelhante ao de “A Alvorada do Amor”, o que torna o interdiscurso evidente. E ainda, é conhecida a influência da Literatura Portuguesa sobre a Brasileira, sobretudo até o início do século XX, embora a perspectiva de análise aqui não seja a da influência.

1. Teopoética: Deus e o homem

Teopoética é um novo ramo de estudos acadêmicos proposto pelo crítico e teólogo alemão Karl-Josef Kuschel. A Teopoética consistiria na crítica estético-literária a Deus, no discurso crítico-literário sobre Deus no âmbito da Literatura e da Análise Literária.

A preocupação que escritores de diferentes épocas e contextos mostram com a temática divina, com *algo* que, em princípio, seria imutável – a criação, a origem, Deus –, aponta para uma preocupação consigo mesmos. A esse respeito, Kuschel (1999, p. 217) observa que “o discurso sobre Deus no âmbito da literatura contemporânea vem expressar uma *crise espiritual da consciência moderna*: na medida em que esta percebe as fantasias de auto-endeusamento”. Fantasias que podem ser entendidas como máscaras de superioridade e de falsidade, pregadas pelo mundo moderno ao homem, e que agora parecem se desmanchar no ato de o homem refletir sobre sua origem e sua condição no mundo. “Em contraste com os sonhos de onipotência e com as fantasias de endeusamento inerentes ao homem na modernidade, os escritores voltam o olhar para a *criaturalidade elementar* do ser humano”, esclarece Kuschel (1999, p. 217).

Nesse ato de voltar o olhar para si, o homem vê Deus. E, num movimento de volta, falar sobre Deus é olhar-se. “O falar sobre Deus tem nos escritores a função de um autoesclarecimento realista do ser humano acerca de suas possibilidades e esperanças e acerca dos enganos a que ele mesmo se submete” (KUSCHEL, p. 217).

Para aproximar-se desse autoesclarecimento, cabe ao escritor a tarefa de ler criticamente o texto bíblico, assumindo postura distinta e de conflito à postura eclesiástica e religiosa. Na ótica de Kuschel (1999):

formam-se nos escritores formas próprias de ser religioso, das quais as categorias clássicas não conseguem dar conta. Nem as categorias de integração a uma igreja ou religião, nem as categorias da crítica moderna à religião são adequadas para apreender esse processo de fusão (KUSCHEL, 1999, p. 215).

O escritor, ao se constituir/considerar *religioso*, firma-se como sujeito uno, distinto, original; trata-se de uma constituição religiosa relativa a propriedades e atributos – socioideologicamente orientados – que não permitem agrupá-lo aos demais escritores. Esse processo identitário sugere que formas de ser *religioso* ainda desconhecidas podem surgir, visto, por exemplo, que a mutabilidade do mundo e as inúmeras vozes que permeiam a consciência do escritor condicionariam a produção de um novo “discurso lítero-religioso”.

Na perspectiva da Teopoética, os escritores produzem um discurso em que Deus e homem são o núcleo temático; mais especificamente, o núcleo é a condição do homem e de Deus no mundo e o relacionamento entre ambos. O tema, nesse caso, portanto, diz respeito à criaturalidade e existencialidade humanas.

2. Crítica temática: junção de vozes

Acerca do *tema* no âmbito da Crítica Temática, focamos na relação que o escritor estabelece com os objetos (coisas, eventos, pessoas) inseridos no texto, os quais – nas suas relações semióticas múltiplas – podem ser entendidos, grosso modo, como ponto de partida para a criação literária. Esses objetos, conforme o escritor os entende, os “lê”, são a base constituinte do *tema* que permeará sua obra. A esse respeito, a postura de Béguin é pertinente ao recusar a falsa “distinção entre o eu e os objetos, que me faz crer que meus órgãos da percepção *normal* registram a cópia exata de uma *realidade*” (1939, *apud* BERGEZ, 1997, p. 105). Para a Crítica Temática, “a noção de tema fornece ao crítico o ponto de apoio

indispensável à coerência – e à comunicabilidade – de seu procedimento” (BERGEZ, 1997, p. 118).

Poderíamos questionar como ocorre a identificação concreta do *tema*, quais elementos apontam ou fornecem a entidade temática. Uma alternativa de resposta seria a repetição de determinadas expressões, as quais remeteriam a conteúdos cruciais (coisas, eventos, pessoas) para a construção e identificação do tema. No entanto, tais expressões, embora sejam recorrentes ao longo do texto e em diferentes obras, podem remeter a diferentes conteúdos à medida que são enunciadas, conduzindo, assim, a uma heterogeneidade semântica que decerto comprometeria a identificação temática. Desse modo, a alternativa da recorrência de elementos linguísticos mostra-se frágil.

Diante desse problema, uma saída é apontada por Bergez (1997):

[...] uma leitura temática nunca se apresenta como um levantamento de frequências; ela tende a formar uma rede de associações significativas e recorrentes; não é a insistência que faz sentido, mas o conjunto das conexões que a obra forma, em relação com a consciência que nela se expressa (BERGEZ, 1997, p. 118-9).

Para a compreensão dessa alternativa, é pertinente atentar para o *procedimento temático*, o que implica considerar a obra como totalidade. Na prática, os críticos de inspiração temática homogeneizam a leitura que fazem da obra, “eles procuram desvelar-lhe a coerência latente, revelar as afinidades secretas existentes entre seus elementos dispersos” (BERGEZ, 1997, p. 110-1). Entendemos que esse tipo de leitura se dá no sentido de encontrar semelhança entre os diversos elementos submersos no texto concernentes ao conteúdo, de modo a desvelar o *tema* que o texto resguarda.

Vejamos que o *tema*, embora se constitua como unidade, não se constitui pela unidade, mas pela diversidade *conteudística* permeadora do texto. É como se o crítico mergulhasse na obra envolvendo-se com todos os elementos de ordem diversa que a compõem, como se ele se localizasse no centro de uma força centrípeta constituidora do texto, sem, contudo, se encontrar em um núcleo uno da obra.

Bergez (1997) enfatiza que a crítica temática *realiza* um movimento que é, ao mesmo tempo, espiritual e fisiológica, de modo o crítico

[...] separar o menos possível seu próprio discurso dos textos que comenta: ora se limita a seguir a cronologia das obras [...]; ora se empenha em multiplicar as citações, em tecer juntamente a palavra crítica e a voz da obra; ora, enfim, coloca o crítico na mesma posição do autor que comenta (BERGEZ, 1997, p. 116-7).

Buscaremos corresponder a esses diferentes procedimentos ao desenvolver nossa análise de viés comparativista dos poemas de Bilac e de Junqueiro, e do fragmento bíblico “A queda”.

Sabemos o quanto essas obras são compostas por *elementos dispersos*, de modo a fazermos delimitações: interessamo-nos crucialmente pelas características, pelo comportamento e papel desempenhados pelas personagens Adão, Eva, Deus e Serpente nos três textos em questão, além do evento que tais personagens proporcionam e representam.

3. Comparação e conflito

Nossa postura aqui é de aproximar entre si o texto bíblico, o poema de Bilac e o de Junqueiro, identificando suas semelhanças e seus conflitos no que tange às personagens, a suas “atitudes psicológicas”, enfim, identificando as relações dialógicas entre as personagens (o que se caracteriza como *intradiscurso*) e entre os textos (o que se caracteriza como *interdiscurso*). Ambos, *intradiscurso* e *interdiscurso*, em termos bakhtinianos (BAKHTIN, 2010).

Diferente do texto bíblico, Bilac não reflete sobre os dias e a vida anteriores à presença de Eva nem ao *pecado*, mas deixa pressupor a paz que reinava no Éden, visto que Deus e toda a natureza se revolta contra nossos Pais, sobretudo contra Eva. Bilac não se dedica também ao surgimento do fruto proibido.

Junqueiro, por sua vez, revela que nossos Pais, puros, viviam numa doce e eterna infância. E eis que Deus, *com sua mão astuta*, põe no jardim a Árvore do Mal. De certo modo, Junqueiro atribui a Deus a responsabilidade e a culpa pelo pecado, devido ao fato de plantar uma árvore “intocável” exatamente ao lado de dois indivíduos inocentes e ingênuos, desprovidos de qualquer conhecimento, que eram Adão e Eva. Deus plantara sua árvore no local mais impróprio do seu Paraíso, isso o revela – considerando sua onisciência – possuidor de certo desejo avesso à manutenção da tranquilidade, e talvez da monotonia, em que viviam nossos Pais. Deus mostra-se incoerente e paradoxal, pois cria dois seres inocentes e ingênuos e lhes dá uma ordem exigindo raciocínio, inteligência, discernimento, malícia. Ou será que a obediência a Deus ocorreria às cegas, pelo puro e simples ato de obedecer, sem reflexão, sem entendimento, sem exercício mental? Isso parece inconcebível. Se assim acreditou Deus, certamente agiu com imaturidade. Ainda que a obediência se explique pela fé, pela crença,

pelo respeito, ela não deixa de ser um fenômeno-processo nutrido de percepção e entendimento humanos.

Deus se esqueceu de que Adão e Eva possuíam o latente desejo de desvendar o Éden. E esse desejo é posto em prática, para surpresa de Deus. Nossos Pais percebem que a Árvore é do Bem, a qual os poderia igualar, portanto, a Deus, no que tange ao conhecimento.

Junqueiro atribui à *fruta* propriedades de ordem distinta: *fruta Venenosa da ciência*. Com *venenosa* ele faz remissão ao contexto bíblico e ao discurso disseminado no ocidente acerca do pecado original; com *da ciência* ele sugere a existência do conhecimento, da sabedoria, de algo proibido a nossos Pais. Ao conjugar as duas características, Junqueiro ironiza a primeira, porque de fato a fruta não continha veneno algum; pelo contrário, continha alimento, sabedoria; e estava reservada apenas a Deus, que a comia, às escondidas, egoisticamente. Enquanto Junqueiro explora o mistério em torno do *fruto*, Bilac explora o desrespeito de Eva a Deus e o efeito do *pecado*, de modo que, para a interpretação de “A Alvorada do Amor” (“AA”), torna-se necessário ativar conhecimentos acerca do *fruto*, os quais, em princípio, são suficientes os fornecidos pelo texto bíblico, em que a mulher *tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o* [mas não segundo Bilac] *também a seu marido, que com ela estava e ele comeu*. As indicações, em “AA”, são de que Adão não come do fruto, embora também seja castigado. Mas ele se mantém sereno e afável a Eva, como veremos.

Em “A queda”, Eva é fraca e ingênua. Persuadida pela Serpente, Eva colhe o fruto, come-o e oferece-o ao *marido*, e ele também o come. O texto bíblico revela as razões pelas quais Eva come do fruto, mas não faz o mesmo acerca de Adão. Não se sabe se Adão o come por desrespeito a Deus, por audácia, por amor e companheirismo a Eva. Esse vazio de certo modo sugere ser Adão, no texto bíblico, um ser munido de ingenuidade, sem perspicácia e discernimento. Diferentemente do que ocorre em “A queda”, em “A Árvore do Mal” (“AM”), Eva, por iniciativa própria, colhe o fruto, mas sem explicitar se ela o come: quem o come é Adão. Junqueiro, ao ignorar a ação da Serpente, intensifica a autonomia de Eva. Aqui, Junqueiro parece oferecer a chave – *Nesse instante sublime Eva tinha o Futuro na palma da sua mão!* – para o poema de Bilac. É exatamente o *futuro* – a Vida – a essência de “AA”.

Em “AM”, Adão vê o fruto com Eva e, *abandonando a submissão covarde*, come-o. Para Junqueiro, a audácia, a coragem, o risco pelo novo, a vontade, o desejo de provar e conhecer é que motivam o ato de Adão. Já em “AA”, Eva é que comete o crime, sozinha – sem ajuda da Serpente ou de Adão –, crime do qual Adão faz nascer o Amor e a Vida.

Em todos os textos em foco, a postura de Deus é a de punição a nossos Pais. Em “AA”, *um horror grande e mudo, um silêncio profundo, no dia do Pecado, amortalhava o mundo*. Esse massacre é (a) ação de Deus. Em “AM”, Jeová “roga praga” à *estátua que criara*, ao vê-la igual a si, possuidora da mesma sabedoria que possui: *Maldita seja a seara, cuja semente és tu!* Ambos os poemas revelam um Deus punitivo e egoísta. Evidencia-se aí um Deus que desconhecia o perdão. Em “A queda”, Iahweh Deus torna a Serpente o animal maldito, Eva a detentora das dores da gravidez e submissa ao marido, Adão o ser a cultivar a terra para alimentar a si e aos seus descendentes. Parece mesmo que os poetas genesíacos criaram um texto carregado de alegoria. É inimaginável para a consciência moderna alguma hipótese de a Serpente caminhar sobre pares de patas, de a mulher gerar um filho sem qualquer dor, de a humanidade se alimentar sem dedicar bagas de suor ao trabalho com a terra. Alegoricamente, Deus expulsa do Éden nossos Pais, porque, na ótica dos poetas genesíacos, essa seria a melhor representação da punição maior.

Em “AM”, após revelar a punição de Deus, o poema vai em direção do anticlericalismo, criticando a postura da igreja cristã. Conforme Junqueiro, nossos Pais, ao comerem do fruto, vão contra Deus; e o físico Newton, ao deitar-se sob a Árvore do Mal e perceber a queda do fruto, vai contra a Igreja, a qual lança-lhe excomunhões. O fruto, por si só, naturalmente, cai sobre Newton, sobre os homens. Newton apenas revela aos “quatro ventos” o incidente. Ou seja, a humanidade adquire o conhecimento mediante “ação” da árvore, unicamente. A humanidade, após saciar-se do fruto à disposição, da sabedoria que antes pertencia apenas a Deus, cria um novo Paraíso, o Paraíso Humano, o que permite dispensar Deus do processo de criação e de condução do mundo. Escreve Junqueiro, *Homens, dizei então a Jeová: –Tirano, Vai-te embora daqui! Construímos de novo o paraíso humano; Fizemo-lo sem ti*. Saciando-se do fruto, o Homem torna-se tão superior quanto Deus. Assim, o Homem, depois do Éden, encontra seu Paraíso, iniciando o Nascimento, a Alvorada, em que a luz maior é o Amor. Esse processo ocorre de modo semelhante em “AA”.

Em “AM”, devido à audácia e percepção de Adão e de Eva, os homens conquistam a Sabedoria e dispensam Deus. Também em “AA” o Homem torna-se maior que Deus, mas não exatamente por comer do fruto, e sim pela despedida do Éden, por encontrar o Amor e a Vida.

Em “AA”, Bilac assume que Eva cometeu um crime sim, mas também que Adão a perdoa – o perdão desconhecido por Deus –, intensificando a aproximação e o afeto entre ambos: *preme contra o meu peito o teu seio agitado*. Adão é um ser gentil e reconhece em

Eva sua verdadeira e única companheira, independente de o Paraíso ou Deus se voltarem contra eles: a natureza, é verdade – em “AA” –, reage com tufão, vulcões, rumores, e o que vale seu ódio?! *Vê! Tudo nos repele!*, exclama Adão, abraçando sua mulher, sem expressar-lhe o menor repúdio. Em nenhum dos demais textos desta reflexão, nosso Pai tem atitude semelhante. A intuição de Bilac é interessante por revelar o caráter afetuoso, bondoso, amável e companheiro de Adão (caráter necessário naquele contexto), o qual salva a humanidade que se achava sem qualquer paraíso ou abrigo (na verdade, perspectiva nada interessante para a consciência moderna, que lutou/luta contra a superioridade do homem em relação à mulher). Já em “A queda”, nem Adão nem Eva tomam iniciativa para algo, eles se comportam muito mais como personalidades manipuladas, ora da/pela Serpente, ora de/por Deus. No texto bíblico em geral, aliás, após serem expulsos, ocorre o que Deus lhes atribuíra no momento da despedida: um mundo de dificuldades e dores. A humanidade, porém, parece ter entrado por outro caminho e se comportado tal como revela Bilac: em prol do Amor e da Vida!, ainda que a história da humanidade seja recheada de fatos contrários às pretensões de Adão, reveladas por Bilac.

Vamos! que importa Deus? É como se Adão dissesse a Eva, na poesia de Bilac: unidos seriam mais que Deus. Juntos, na essência do Amor, eles enfrentaram o deserto, o sol, as chamas, a natureza arredia. Adão sabia o poder do Amor, botão apenas entreaberto, ilumina o degredo e perfuma o deserto! O conhecimento resguardado pela árvore é a visão agora de Adão sobre Eva. Declara Adão: Amo-te! sou feliz! Porque, do Éden perdido, levo tudo, levando o teu corpo querido! O “ato de pecado” de Eva – ato maior ocorrido no Paraíso – só lhe trouxe benefícios, deu-lhe o que realmente havia de bom no Éden, de sorte que, em vez de mostrar qualquer desagrado a Eva, Adão lhe agradece e contempla sua atitude, o crime cometido. Nesse aspecto, o poema de Bilac diferencia-se do de Junqueiro: se o prazer do corpo foi revelado pelo fruto, conforme revela-nos Bilac, então Deus conhecia e detinha tal prazer, o que não condiz com o Deus *castrado e impotente* apontado por Junqueiro.

Conforme “AA”, tudo em torno de nossos Pais poderia desaparecer, que de Eva brotaria outra natureza, a Vida. *Agora que és mulher, agora que pecaste! A vida, a Natureza és tu! minha mulher!* Neste instante, incitemos a Civilização, a Sociedade. Em “AA”, Adão – prazenteiro – volta-se para Eva e para a Vida, enquanto, em “AM”, Adão – revolucionário – volta-se contra Deus e a igreja: *Homens, dissei então a Jeová: –Tirano, vai-te embora daqui! Construámos de novo o paraíso humano; fizemo-lo sem ti.*

Antes do pecado, o Amor era desconhecido, a Vida era sem luz. Só se pode pensar na Vida após o pecado, após nossos Pais serem expulsos do Éden, após Deus ficar com o Paraíso para si. O Paraíso de Deus é algo anterior à Vida e exclusivo de Deus, enquanto o conhecimento é também dos Homens. À humanidade, o pecado só fez bem. Após a expulsão, veio a Alvorada, o Amanhecer, o Amor, e começou a Vida, segundo o sujeito poético de “AA”. Entende-se que Eva é responsável pelo pecado-expulsão, mas é exatamente sua falha que conduz à grandeza de se viver na Terra e no campo do prazer, ao fato de Adão e Eva serem homem e mulher. E, com certeza, esse triunfo é de maior valia que seu crime. Para Bilac, agora Adão, redimido e sublime, vive livre de Deus, à luz dos olhos de Eva. Daí, *Terra, melhor que o Céu! Homem, maior que Deus!* A Terra é o local de prazer e sabedoria; o Céu, o local de privações; o Homem, o ser grande por ter a experiência da Terra, a Sabedoria e o Amor; e Deus, o ser privado das belezas e do prazer de que desfruta o Homem.

Considerações interdiscursivas

Há alguns contrapontos a se destacar entre o texto de Bilac e o da Bíblia: em “AA”, Eva não é acusada; no texto bíblico, sim. Em “AA”, Adão dialoga com Eva e narra sua própria história, enquanto em “A queda” nem Adão nem Eva têm espaço para argumentar ou apresentar sua versão dos fatos, salvo quando Deus lhes pergunta *por que comeste do fruto?* Nesse aspecto, o poema de Junqueiro se aproxima do de Bilac.

Bilac e Junqueiro, no diálogo do discurso lítero-poético com o discurso bíblico, juntos – cada qual no seu modo de fazer literário –, reescrevem algumas linhas da Bíblia. Bilac e Junqueiro revelam-nos o equívoco dos poetas genesíacos, os quais, no capítulo 2 do Gênesis, prescreveram com Deus: *Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer.* Ao contrário da previsão genesíaca, Adão e Eva encontram (e faz surgir e se propagar) a Vida, o Amor. Isto é, o interdiscurso do texto poético com o texto bíblico é de intenso conflito, a ponto de reescrevê-lo, a nosso ver. Isso ocorre em função da coerência intradiscursiva dos poemas em foco e da coerência entre o mundo desenhado em tais poemas e o (s) mundo (s) possível (is), em face da consciência moderna – ou pós-moderna, se preferirmos.

Consideramos que Bilac, ao dar voz a Adão, ao posicionar-se contra o autoritarismo de Deus, oferece indícios de uma concepção de Deus, e, por conseguinte, contribui para a identificação do discurso sobre Deus dentro da Literatura, particularmente a de língua portuguesa. De certo modo, a obra de Bilac também se insere nas relações estabelecidas entre a literatura do início do século XX e a crise existencial da consciência moderna. Bilac, ao revelar que nossos Pais encontraram a Vida ao serem despedidos do Éden, expõe algo que reflete na/a consciência moderna, no sentido de assumir a Civilização como fruto do pecado – o que, porém, não confere a Bilac originalidade – e da punição de Deus, e, de forma especial, do Amor de Adão pela companheira e, conseqüentemente, pela humanidade.

Desse modo, o interdiscurso não se estabelece apenas entre os poemas e o texto bíblico, mas também entre os poemas e, por exemplo, o discurso filosófico e o discurso cotidiano ou do senso-comum; discursos que, aliás, povoam a consciência do homem moderno em diferentes níveis da vida social, quer da *ideologia cotidiana*, quer das *esferas ideologicamente constituídas* – nos termos de Volochinov/Bakhtin (1992) –, como a esfera política, a artística, a jurídica e a jornalística.

Os aspectos apontados nos poemas de Bilac e de Junqueiro oferecem, em parte, uma resposta às indagações do homem sobre a própria existência, ao “autoesclarecimento” buscado, dialogando, portanto, com postulações da Teopética. E o núcleo dessa resposta com certeza é o Amor “fundante” da humanidade: núcleo oferecido pelo poema “AA”.

Nota

Este artigo é uma versão modificada do texto “Relendo Bilac: a Vida após o Éden!”, publicado nos *Anais do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas* – CD-ROM, Dourados: Editora UFMS/UFMGD, 2006. Agradeço aos pareceristas, anônimos, as contribuições para esta versão final.

Referências bibliográficas:

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BERGEZ, Daniel. “A crítica temática.” In: BERGEZ, Daniel *et al. Métodos críticos para a análise literária*. Tradução de Olinda M. R. Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 97-140.

BILAC, Olavo. *Alma Inquieta* – Poesias. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint, 1978.

JUNQUEIRO, Guerra. *A Velhice do Padre Eterno*. Porto: Lello & Irmão, 1967.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. Trad. Paulo Soethe *et al.* São Paulo: Loyola, 1999.

RAMOS, Péricles E. S. Introdução ao parnasianismo brasileiro. *Revista USP*, n. 3, p. 155-168, 1989. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/n3/fpericlestexto.html>>. Acesso em 06 janeiro 2005.

VOLOCHINOV, Valentin N. / BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

Rereading Bilac with Junqueiro: Life after the Eden!

Abstract: Olavo Bilac, along with other Parnassian poets, in general is labeled as a minor author by critics, particularly given the importance of form in his poetry. Our hypothesis is that the Theopoetics – a new field of literary studies focused on the literary discourse about God – can contribute to another signification of this Brazilian poet. We use Thematic Criticism and Comparative Literature in the rereading of his poem “Alvorada do Amor” – in which the lyric voice suggests that one can speak of life only after the departure of Adam and Eve from Eden – and compare it with the poem “A Árvore do Mal”, of the Portuguese poet Guerra Junqueiro, and the chapter “The Fall” of Genesis.

Key Words: Olavo Bilac. Guerra Junqueiro. Brazilian poetry. Portuguese poetry. Theopoetics.

Recebido em: 23 de abril de 2015.

Aprovado em: 07 de agosto de 2015.

Anexos

“A queda” – *Gênesis*

3 *A queda* – ¹A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iahweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?” ²A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. ³Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.” ⁴A serpente disse então à mulher: “Não, não morrereis! ⁵Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.” ⁶A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava e ele comeu. ⁷Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram. ⁸Eles ouviram o passo de Iahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia e o homem e sua mulher se esconderam da presença de Iahweh Deus, entre as árvores do jardim. ⁹Iahweh Deus chamou o homem: “Onde estás?”, disse ele. ¹⁰“Ouvi teu passo no jardim,” respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi.” ¹¹Ele retomou: “E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” ¹²O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” ¹³Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi.” ¹⁴Então Iahweh Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras selvagens. Caminharás sobre teu ventre e comerás poeira todos os dias de tua vida. ¹⁵Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” ¹⁶À mulher ele disse: “Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará.” ¹⁷Ao homem, ele disse: “Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te proibira, comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida. ¹⁸Ele produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. ¹⁹Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás.” ²⁰O homem chamou sua mulher “Eva”, por ser a mãe de todos os viventes. ²¹Iahweh Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu. ²²Depois disse Iahweh Deus: “Se o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal,” que agora ele não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre!” ²³E Iahweh Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado. ²⁴Ele banuiu o homem e colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida.

“A alvorada do amor” – Olavo Bilac

Um horror grande e mudo, um silêncio profundo
 No dia do Pecado amortalhava o mundo.
 E Adão, vendo fechar-se a porta do Éden, vendo
 Que Eva olhava o deserto e hesitava tremendo,
 Disse:

“Chega-te a mim! entre no meu amor,

E à minha carne entrega a tua carne em flor!
Preme contra o meu peito o teu seio agitado,
E aprende a amar o Amor, renovando o pecado!
Abençoo o teu crime, acolho o teu desgosto,
Bebo-te, de uma em uma, as lágrimas do rosto!

Vê! tudo nos repele! a toda a criação
Sacode o mesmo horror e a mesma indignação...
A cólera de Deus torce as árvores, cresta
Como um tufão de fogo o seio da floresta,
Abre a terra em vulcões, encrespa a água dos rios;
As estrelas estão cheias de calefrios;
Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o céu...

Vamos! que importa Deus? Desata, como um véu,
Sobre a tua nudez a cabeleira! Vamos!
Arda em chamas o chão; rasguem-te a pele os ramos;
Morda-te o corpo o sol; injuriem-te os ninhos;
Surjam feras a uivar de todos os caminhos;
E, vendo-te a sangrar das urzes através,
Se emaranhem no chão as serpes aos teus pés...
Que importa? o Amor, botão apenas entreaberto,
Ilumina o degredo e perfuma o deserto!
Amo-te! sou feliz! porque, do Éden perdido,
Levo tudo, levando o teu corpo querido!

Pode, em redor de ti, tudo se aniquilar:
– Tudo renascerá cantando ao teu olhar,
Tudo, mares e céus, árvores e montanhas,
Porque a Vida perpétua arde em tuas entranhas!
Rosas te brotarão da boca, se cantares!
Rios te correrão dos olhos, se chorares!
E se, em torno ao teu corpo encantador e nu,
Tudo morrer, que importa? A Natureza és tu,
Agora que és mulher, agora que pecaste!

Ah! bendito o momento em que me revelaste
O amor com o teu pecado, e a vida com o teu crime!
Porque, livre de Deus, redimido e sublime,
Homem fico, na terra, à luz dos olhos teus,
– Terra, melhor que o céu! homem, maior que Deus!”

“A árvore do mal” – Guerra Junqueiro

Por debaixo do azul sereno, entre a fragrância
Dos mirtos, dos rosais,
Viviam numa doce e numa eterna infância

Nossos primeiros pais.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,
Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade nua
Das coisas ignorantes.

Pôs Deus nesse jardim com sua mão astuta
Ao lado da inocência
A Árvore do Mal que produzia a fruta
Venenosa da ciência.

E, apesar de conter venenos homicidas
E o gérmen do pecado,
Era Deus quem comia à noite, às escondidas,
Esse fruto vedado.

Por isso Jeová tinha ciência infinda,
Tinha um poder secreto,
E Adão que não provara os frutos era ainda
Um anjo analfabeto.

Eva colheu um dia o belo fruto impuro,
O fruto da Razão.
Nesse instante sublime Eva tinha o Futuro
Na palma da sua mão!

O homem, abandonado a submissão covarde,
Viu o fruto e comeu.
Esse fruto é a luz que a Júpiter mais tarde
Roubará Prometeu.

E ao ver igual a si a estátua que criara,
O homem réprobo e nu,
Jeová exclamou: “Maldita seja a seara
Cujas semente és tu!”

Veio depois a Igreja e repetiu aos crentes
De toda a humanidade:
“Maldito seja sempre o que enterrar os dentes
Nos frutos da Verdade!”

A Igreja permitia esse vedado pomo
Somente aos sacerdotes.
Da árvore do mal fugia o mundo, como
Os lobos dos archotes.

Se o sábio que buscava o ouro nas retortas

Ia como um ladrão
Roubar timidamente, à noite, às horas mortas
Algum fruto do chão,

Tiravam-lhe da boca esse fruto daninho
Duma maneira suave:
Atando-lhe à garganta uma corda de linho
Suspensa duma trave.

Um dia um visionário, alma vertiginosa,
Espírito imortal,
Foi deitar-se, que horror! à sombra temerosa
Da Árvore do Mal.

A Igreja ao ver aquela intrépida heresia
Lança-lhe excomunhões;
Tomba por terra um fruto... e Newton descobria
A lei das atrações!

Sacudi, sacudi, a árvore maldita,
Que os astros tombarão,
Como se sacudisse a abóbada infinita
Deus com a própria mão!

E quando o mundo inteiro enfim houver comido
Até à saciedade
O fruto que lhe estava há tanto proibido,
O fruto da Verdade,

Homens, dissei então a Jeová: “Tirano,
Vai-te embora daqui!
Construímos de novo o paraíso humano;
Fizemo-lo sem ti.

“Expulsaste do Olimpo a humanidade outrora,
Ó déspota feroz;
Pois bem, o Olimpo é nosso, e Jeová, agora
Expulsamos-te nós!